



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – ARTES
VISUAIS E MÚSICA**

IRANILDES MOREIRA DIAS

**O CONHECIMENTO E USO DAS PLANTAS MEDICINAIS: COMUNIDADE
KALUNGA VÃO DE ALMAS (FAZENDA VARGEM GRANDE)**

**Arraias – TO
2024**

Iranildes Moreira Dias

**O conhecimento e uso das plantas medicinais: comunidade Kalunga Vão
de Almas (Fazenda Vargem Grande)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacinto Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador/a: Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo

**Arraias – TO
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D541c Dias, Iranildes Moreira.
 O conhecimento e uso das plantas medicinais: comunidade
 Kalunga Vão de Almas (Fazenda Vargem Grande). / Iranildes Moreira
 Dias. – Arraias, TO, 2024.
 48 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
 Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo,
 2024.
 Orientador: Gilberto Paulino de Araújo

 1. Educação do Campo. 2. Etnobotânica. 3. Plantas medicinais.
 4. Kalunga - Vão de Almas. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Iranildes Moreira Dias

**O conhecimento e uso das plantas medicinais: comunidade Kalunga Vão
de Almas (Fazenda Vargem Grande)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacinto Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Defendida e aprovada em 17 de maio de 2024.
Banca examinadora:

Prof. Dr. Gilberto Paulino Araújo - UFT

Profa. Dra. Sílvia Adriane Tavares de Moura - UFT

Prof. Esp. Reinaldo dos Anjos Sousa – SEMED – Arraias / TO

Dedico este trabalho aos meus pais: à minha mãe Eurotildes e ao meu pai Jaci Pilares, que me proporcionaram a formação como ser humano. À minha família, fonte de inspiração. Aos meus filhos, Murillo Eduardo e Marcello Isaac. Ao meu companheiro pelo apoio e esforço. E todos aqueles que de certa forma contribuíram para minha formação.

“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos.” (Rubem Alves)

“O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram.”
(Jean Piaget)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida.

Agradeço a toda minha família, e aos amigos, que sempre torceram por mim, ajudando-me a enfrentar as lutas e conseguir minhas conquistas.

Aos meus irmãos, que me encorajaram e me davam forças para seguir, apesar das dificuldades.

Agradeço à comunidade Kalunga Vão de Almas. Agradeço aos entrevistados que compartilharam seus conhecimentos e saberes para que eu finalizasse a minha pesquisa de conclusão do curso.

Agradeço aos colegas de turma pela amizade, companheirismo e solidariedade. Agradeço, em especial, às minhas colegas e amigas Cristiane Moreira da Cunha e Maria de Fátima dos Santos Rodrigo, que me acolhiam nos momentos mais difíceis.

Ao colega e amigo Delmivon Macêdo que tanto me ajudou na elaboração dos trabalhos.

Agradeço especialmente aos colegas Jhonny Alves, Maurelice Pereira e Cristiane Teixeira, pela paciência e ajuda nos trabalhos em grupo e por sempre estarem dividindo os seus conhecimentos comigo.

Aos colegas, que além de proporcionar tantos momentos de alegria, diversão e amizade, ajudaram-me com meu filho de três anos, o Marcello Isaac. Tive de leva-lo quando meus familiares não tinham condições de ficar com ele. Que Deus ilumine o caminho dessas pessoas gentis, maravilhosas e amigáveis.

Agradeço ao meu orientador, Gilberto Paulino Araújo, pela orientação, encorajamento e amizade, ao longo do percurso acadêmico. Agradeço pelas trocas de ideias, de informação, de livros, artigos, alegrias e experiências, únicas, vividas durante as aulas e os trabalhos.

A todos os professores da UFT, pela competência, caridosa atenção, carinho e prestatividade, durante as aulas e o Tempo Comunidade, entendendo sempre as nossas dificuldades e distâncias.

A minha gratidão a todos envolvidos nessa minha rica caminhada.

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem sobre o uso das plantas medicinais utilizadas pelos moradores da Comunidade Kalunga Vão das Almas, fazenda Vargem Grande. A pesquisa destaca aspectos da etnobotânica Kalunga, um dos elementos integrantes do conhecimento etnoecológico. Os saberes sobre o uso das plantas apresentam-se fortemente vinculados ao modo de vida das comunidades tradicionais, sendo responsáveis pela permanência no território, possibilitando diferentes modos de interação, tais como: alimentação, construção, artesanato, ornamentação, usos medicinais e religiosos etc. Desse modo, o objetivo do trabalho é descrever as práticas e os saberes sobre as plantas medicinais e como ocorrem as interações deles com outros indivíduos e com o meio ambiente no qual estão inseridos. Além disso, mostrar como esses saberes tradicionais (de modo específico o uso das plantas medicinais) constituem-se como elementos relevantes para a Educação do Campo, enquanto área do conhecimento e da formação humana. A base conceitual fundamenta-se então na Educação do Campo (MOLINA; SÁ, 2012; CALDART, 2008) e na Etnobotânica (ARAÚJO, 2014; AMOROZO, 2002), entre outros. Os procedimentos metodológicos estruturam-se na pesquisa qualitativa, de base etnográfica, a partir da vivência em campo. Como resultado, tem-se a sistematização dos dados levantados a partir das entrevistas em contato com os colaboradores do estudo, sobretudo o papel dos membros da comunidade que compartilharam suas experiências vivenciadas sobre o uso das plantas medicinais no território kalunga.

Palavras-chave: Educação do Campo; Etnobotânica; Plantas medicinais.

ABSTRACT

This paper addresses the use of medicinal plants by residents of the Kalunga Vão das Almas Community, located on the Vargem Grande farm. The research highlights aspects of Kalunga ethnobotany, one of the elements that make up ethnoecological knowledge. Knowledge about the use of plants is strongly linked to the way of life of traditional communities, which are responsible for their permanence in the territory and enable different forms of interaction, such as: food, construction, crafts, ornamentation, medicinal and religious uses, etc. Thus, the objective of the paper is to describe the practices and knowledge about medicinal plants and how they interact with other individuals and with the environment in which they are inserted. In addition, it shows how this traditional knowledge (specifically the use of medicinal plants) constitutes relevant elements for Rural Education, as an area of knowledge and human development. The conceptual basis is based on Rural Education (MOLINA; SÁ, 2012; CALDART, 2008) and Ethnobotany (ARAÚJO, 2014; AMOROZO, 2002), among others. The methodological procedures are structured on qualitative, ethnographic research, based on field experience. As a result, the data collected from interviews with study collaborators is systematized, especially the role of community members who shared their experiences with the use of medicinal plants in the Kalunga territory.

Keywords: Rural Education; Ethnobotany; Medicinal plants.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Objetivos	11
1.2	Justificativa	12
1.3	Memorial descritivo da pesquisadora	13
2	ELEMENTOS CONCEITUAIS	16
2.1	Educação do Campo	16
2.2	Etnociências	19
2.3	Etnoecologia	21
2.4	Etnobotânica	22
3	METODOLOGIA	24
3.1	Pesquisa qualitativa	24
3.2	Pesquisa de Campo	25
3.3	Entrevistas	27
4	O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICES	47

1 INTRODUÇÃO

A comunidade Kalunga Vão de Almas é parte do sítio histórico que abriga o patrimônio cultural Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico brasileiro. Está localizada a aproximadamente 70 km da cidade de Cavalcante-Goiás, na Chapada dos Veadeiros, um lugar rico em culturas populares. Essa área foi reconhecida oficialmente, em 1991, pelo governo do Estado de Goiás, como sítio histórico Kalunga¹.

A comunidade é cercada por montanhas, morros, grandes rios (Paranã, Rio Branco, Capivara, Gameleira, Pedra Preta e Boa Vista) e inúmeros córregos. O Vão de Almas possui vegetação de Cerrado ainda bastante preservada.

A comunidade Kalunga Vão das Almas é originalmente formada por remanescentes de povos africanos escravizados, que fugiram do cativeiro e organizaram-se num quilombo na região da Chapada dos Veadeiros, região nordeste de Goiás (MOURA, 2007).

Esses descendentes são parte dos primeiros africanos trazidos como escravizados para o Brasil, oriundos da Costa da África Ocidental. Eram povos guinês, congos, cabinas, e muitos outros nomes, que, geralmente, designavam o ponto de embarque de onde tinham vindo (BAIOCCHI, 1982).

Esse mesmo território era, também, procurado por negros fugidos do garimpo, que buscavam escapar da exploração que sofriam em lugares, como Cavalcante, cuja vida econômica estava relacionada à mineração do ouro.

Nesses lugares recônditos, os vãos, os quilombolas tiveram contato com os indígenas, que viviam por todo o planalto goiano. Esse encontro permitiu que os indígenas ajudassem essas pessoas a suprir suas carências e necessidades de sobrevivência. Os indígenas não tinham confiança de se aproximar dos quilombolas, mas, com o passar do tempo, essa relação foi sendo modificada e eles começaram a se entender, permitindo, inclusive, trocas culturais (SILVA, 2013).

A comunidade Kalunga do Vão de Almas tem cerca de 300 anos. Hoje a comunidade é constituída por aproximadamente trezentos e vinte famílias, as quais são compostas por Kalungas que residem ali desde o processo de resistência à escravidão.

¹¹ LEI Nº 11.409, DE 21 DE JANEIRO DE 1991. - Vide Lei nº 9.904 de 10-12-1985 - Vide Lei Complementar nº 19 / 96 Dispõe sobre o sítio histórico e patrimônio cultural que especifica. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/webby/up/133/o/lei_11.409-91.pdf. Acesso em 12/03/2024.

Os membros da comunidade Vão de Almas são unidos por laços de parentesco, e formam verdadeiros núcleos familiares, que dividem o mesmo terreno entre pais, irmãos, tios e avós.

Segundo Silva (2013) e MOURA (2007), as comunidades Kalunga estão localizadas nos três municípios de Goiás: Teresina, Monte Alegre e Cavalcante. De acordo com Kidhir (2015), no lado tocantinense, temos a comunidade Kalunga Mimoso (nos municípios de Arraias e Paranã - TO).

Desde sua chegada neste território, buscando garantir sua liberdade, os Kalunga precisaram aprender a viver no Cerrado, e para isso, passaram a conhecer bem a natureza e a identificar quais eram as plantas, dentre elas as medicinais, observando atentamente todos os ciclos da região, ou seja, a época das águas (chuva) e da seca.

O Vão de Almas é uma comunidade tradicional com muitos saberes e fazeres. Antigamente, o plantio era feito somente com sementes crioulas, para a sobrevivência da comunidade. Hoje em dia, temos já a presença de sementes comerciais na roça de algumas comunidades.

As famílias plantam para garantir o seu sustento e da comunidade, sendo uma riqueza de variedades: milho, arroz, mandioca, feijão, amendoim, abóbora, jiló, quiabo, gergelim, tomate, pepino, entre outras. Mas há também produtos comprados na cidade, tais como: óleo de soja, sal, macarrão, alho, trigo, fubá de milho, extrato de tomate e, às vezes, carne bovina. Outras famílias comercializam a farinha, produzida da mandioca, o óleo do coco e o óleo de gergelim, tanto para pessoas da cidade quanto para as pessoas da comunidade.

Nesse sentido, o presente trabalho aborda as práticas e os saberes dos raizeiros, como ocorrem as interações deles com outros indivíduos e com o meio ambiente no qual estão inseridos.

Os raizeiros, como são conhecidos na comunidade Vão de Almas, são pessoas que possuem saberem especializados acerca dos recursos naturais (especialmente, plantas) e da medicina tradicional. Assim como médicos e/ou farmacêuticos, os raizeiros trabalham na produção e indicação de remédios para prevenção e cura das doenças presentes ou que surgem na comunidade.

De modo geral, percebemos que os mais experientes ou idosos possuem e guardam um saber significativo a respeito das plantas e dos métodos de cura, que se colocam a serviço dos familiares e outros membros da comunidade.

Embora não seja o foco desse trabalho, podemos também notar o desinteresse por parte de muitos jovens sobre os saberes etnobotânicos e por outros conhecimentos que fazem parte da cultura Kaluna, o que representa uma ameaça ao compartilhamento e preservação dos saberes entre as gerações.

Os saberes tradicionais são resultado da interação e repasse por parte dos primeiros moradores ou das gerações passadas, que tiveram de lutar contra todas as dificuldades encontradas neste território, principalmente por ser, naquela época, uma comunidade bastante isolada.

Mesmo vivendo em situação de poucas condições materiais, os moradores locais se reuniam para se orientar e, ao mesmo tempo, prestar solidariedade quando alguém estava em situação de precariedade, principalmente nos momentos de cura das doenças, contando apenas com o conhecimento das plantas medicinais para os seus devidos tratamentos.

Com o decorrer dos anos, a comunidade foi ampliando o contato com as outras localidades, o que levou, também, à busca por tratamentos mais avançados nos hospitais ou postos de saúde das cidades vizinhas.

É fato que houve alguns casos ocorridos de crianças e adolescentes que chegaram a óbito por falta de atendimento médico e de medicamentos necessários. Porém, mesmo com o aumento da procura por um tratamento médico fora da comunidade, existem muitas pessoas que continuam a recorrer aos saberes dos raizeiros e o uso das plantas medicinais.

Muitas vezes, a falta de condições financeiras e, até mesmo, os problemas da falta de estrutura de saúde na localidade impedem as pessoas de buscarem tratamentos da medicina moderna. Mas existem vários membros da comunidade que optam ou preferem fazer o uso da medicina tradicional e recorrer às plantas medicinais para tratamento de suas enfermidades.

Nesse contexto, não se limitando ao paradigma da ciência dominante e buscando, sobretudo, a valorização e respeito aos saberes tradicionais, apresentamos o seguinte problema de pesquisa:

✓ Como tem sido empregado o conhecimento medicinal das plantas pelos membros da comunidade Kalunga Vão das Almas (Vargem Grande)?

1. 1 Objetivos

a) Objetivo Geral

Descrever os processos de manejo e uso das plantas medicinais pelos membros da Comunidade Kalunga Vão das Almas (Vargem Grande).

b) Objetivos Específicos

- ✓ Verificar como tem ocorrido o uso das plantas medicinais na comunidade.
- ✓ Fazer o levantamento das plantas medicinais utilizadas na comunidade.
- ✓ Descrever os modos de uso das plantas medicinais, tendo como base o conhecimento dos etnoespecialistas da Comunidade.

1.2 Justificativa

O tema deste trabalho surgiu a partir das vivências desta pesquisadora durante a inserção orientada no período denominado na Educação do Campo como Tempo Comunidade. Na condição de membro da Comunidade Kalunga Vão de Almas, percebi a relevância de registrar memórias dos raizeiros da minha localidade, pois, também na condição de integrar as novas gerações, compreendo que os saberes tradicionais devem ser valorizados.

A escolha do tema me remeteu à memória dos antepassados, às nossas tradições, aos saberes presentes na Comunidade Kalunga Vão das Almas, e de certa forma, tentar registrar e descrever o relato de alguns membros da comunidade que possuem muito conhecimento sobre as plantas, principalmente, os mais velhos.

Para que eu pudesse adquirir conhecimento e informações dentro daquilo que eu estava pesquisando, levando em consideração que no meu dia a dia também faço o uso e possuo conhecimentos sobre as plantas medicinais, tendo em vista que em muitos momentos não tive como recorrer a medicamentos feitos em laboratório ou à rede de saúde mais próxima.

Assim, surgiu o interesse em registrar os conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais e, ao mesmo tempo, pontuar a importância da cultura e dos saberes tradicionais do Kalunga, de modo específico, os moradores do Vão de Almas. A pesquisa envolve, então, uma série de etapas desde o manejo até o preparo, o que verdadeiramente representa uma escola de saberes dentro da nossa cultura local.

1.3 Memorial descritivo da pesquisadora

Eu, Iranildes Moreira Dias, tenho quatro irmãos, sendo duas mulheres e dois homens. Sou a terceira filha que compõem essa escada da vida fruto do casamento dos meus pais. Fomos criados todos juntos até que tivemos que nos separar para darmos continuidade nos estudos. Tenho trinta e dois anos e dois filhos.

Irei relatar um pouco sobre a minha educação inicial. Minha mãe foi a minha primeira professora, a escola era situada na nossa própria casa. Então na sala de casa, era onde eu, meus irmãos, e as demais crianças ali das proximidades estudavam.

Ela trabalhava com turma multisseriada de 1^a a 4^a série do ensino fundamental. Tenho boas lembranças desse tempo. Eu era bem pequena, estudávamos pela manhã e ajudávamos na roça no período da tarde. Ainda por encontrar na época muitas dificuldades enfrentadas pelos moradores as crianças também tinham suas tarefas e obrigações depois da escola.

Quando chegava a época da preparação do solo e do plantio tanto eu, assim como meus irmãos, depois da aula e do almoço, acompanhávamos os meus pais no trabalho na roça. Ali, cada um desenvolvia a tarefa que estivesse ao seu alcance.

Normalmente, os homens iam fazendo a carpina, ou seja, as remoções das pequenas árvores do local, e as mulheres ficavam com a tarefa da limpeza de remover a sujeira, ou seja, as pequenas árvores que estava sendo derrubadas para a preparação do plantio. Toda remoção, se possível, tinha que ser retirada no mesmo dia e queimada aos arredores da roça por que se chovesse toda sujeira era soterrada e ficaria mais difícil para removê-las no dia seguinte.

Depois do solo preparado, eu e meus irmãos fazíamos a semeadura do milho. Era contado as sementes e jogadas, de cova em cova. Era entre 04 a 06 sementes dependendo do estado do solo. Já o arroz era plantado pelo meu pai com a plantadeira, objeto utilizado para soltar o arroz no solo. Desde os meus 07 (sete) anos já estudava nos trabalhos na roça.

Nesse tempo, morávamos numa casa com cobertura de palha e laterais de "adobe". O espaço da sala era também sala de estar e sala de aula. Apoiávamos o caderno no colo para escrever. Não tinha cadeiras, eram sentados no banco da sala com o caderno apoiado na perna que fazia a cópia das atividades e resolvia as mesmas.

Não me recordo de fato quando chegaram as primeiras cadeiras na escola, como também só tinha um quadro e uma professora revezava, quem estivesse copiando sentava na cadeira, eram poucas, mas já ajudava. Na turma multisseriada, havia aproximadamente uns 30 (trinta) alunos, muitos da mesma série, mas com idades variadas.

Inicialmente minha mãe era a professora e fazia a merenda, depois de alguns anos de trabalho ela solicitou ajuda para os representantes municipais, na qual era necessário alguém que pudesse ajudá-la. Daí conseguiu colocar minha tia que era vizinha, onde ela fazia a limpeza da sala e preparava o lanche, e depois do seu trabalho concluído ajudava minha mãe a tomar a lição dos alunos.

Depois de certo tempo trabalhando na escola e conhecendo a importância da Educação, minha tia resolveu se matricular e estudamos juntas até a conclusão do Ensino Fundamental, que na época era chamado de 4ª série.

Eu concluí o meu ensino fundamental na Escola Municipal Terra Vermelha, localidade onde os meus pais moram, e o meu avô paterno. Juntamente com outros pais, a comunidade lutou pela construção de uma escola na localidade, pois havia muitas crianças e alguns jovens ainda analfabetos.

Daí tive que prosseguir com os estudos. Como meu pai era lavrador e minha mãe professora, cada um nas suas funções ninguém podia abandonar os seus trabalhos, então seguimos eu e mais 02 irmãos para a Comunidade Kalunga Vão de Almas, localidade Gameleira, onde no primeiro ano fomos para a casa de um tio que ficava mais próximo da escola. Durante esse ano muitas coisas aconteceram, a casa era pequena meu tio tinha muitos filhos pequenos, as condições eram bem precárias.

Basicamente todo final de semana tínhamos que ir pra casa para buscar alimentos. A distância percorrida a pé era de aproximadamente 28 quilômetros. Nós íamos na sexta, depois da aula ou, às vezes, no sábado por volta do meio dia.

Quando tinha reposição de aulas no final de semana, tínhamos que retornar no domingo à tarde, ou segunda bem cedo, e quase sempre a gente vinha pesado porque normalmente a comida era transportada na cabeça. Esse ano não foi fácil mas conseguimos vencer, todos conseguiram avançar a série.

No ano seguinte, fomos morar na casa de outro tio, lá as coisas já eram mais fáceis, porém era um pouco distante da Escola. Mas com o mesmo trajeto do ano anterior sempre nos finais de semana íamos para a casa dos meus para visitá-los

como também buscar alguns alimentos.

Alguns finais de semana precisamente quando estava na semana de prova poderíamos ficar no local onde morávamos para estudar um pouco mais. Aí moramos por 02 (dois) anos, onde eu concluí a 5ª, 6ª e 7ª série no Colégio Estadual Santo Antônio. Na Escola, nesta época, havia 04 (quatro) professores, e eram distribuídas todas as disciplinas.

Por decisão dos meus pais, eles resolveram nos mandar para cidade, pois lá meus pais tinham casa própria, então segui eu e mais 03 (três) irmãos. Como meus pais tinham que permanecer na roça e de lá mandava praticamente o básico para a alimentação. Então, em 2007, na cidade de Cavalcante, iniciei a 8ª série e foi onde concluí o meu ensino médio no Colégio Estadual Elias Jorge Cheim.

Depois de concluir o ensino médio, prestei o vestibular da UnB por duas vezes, mas, sem sucesso. Anos depois tive conhecimento da Universidade Federal do Tocantins, que estaria com vestibular aberto. Já em 2016 prestei o vestibular e fui aprovada, para mim muita felicidade até que enfim depois de tantas tentativas. E assim, ingressei no Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

2 ELEMENTOS CONCEITUAIS

2.1 Educação do Campo

A Educação do Campo volta-se para a realidade das comunidades que vivem nas regiões rurais de nosso país, isto é, aquelas pessoas que têm o campo como espaço de vida (CALDART, 2008). Essa concepção está pautada nos direitos por melhores condições sociais e econômicas para os homens e as mulheres do campo, não se limitando apenas ao acesso à educação formal, mas ao direito à saúde, moradia, emprego, segurança etc.

Como ressaltam Arroyo e Fernandes (1999, p. 12), a Educação do Campo "[...] nos situa no terreno dos direitos, nos leva a vincular educação com saúde, cooperação, justiça, cidadania. O direito coloca a educação no terreno dos grandes valores da vida e da formação humana".

Diante disso, percebe-se a relação da Educação do Campo com os movimentos sociais, principalmente aqueles que mantêm o vínculo com a luta pela terra e por melhores condições de vida para os trabalhadores rurais, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

[...] por que educar o trabalhador no campo, a trabalhadora, os sem terra, por quê? Porque são sujeitos de direitos. Os direitos que estão aqui destacados nas paredes, destacados nas músicas, nas bandeiras, na mística: terra, justiça, igualdade, liberdade, trabalho, dignidade, saúde, educação... Como a escola rural vai incorporar direito? Esta é a pergunta que nós teríamos que colocar diante do avanço da consciência dos direitos. O movimento social no campo representa uma nova consciência dos direitos, à terra, ao trabalho, à justiça, à igualdade, ao conhecimento, à cultura, à saúde e à educação. O conjunto de lutas e ações que os homens e mulheres do campo realizam, os riscos que assumem, mostra quanto se reconhecem sujeitos de direitos (ARROYO; FERNANDES, 1999, p.12).

Conforme observado, os povos do campo lutam por uma educação libertadora, na qual eles se reconheçam como pessoas de direitos. Além disso, é fundamental o respeito aos saberes, à cultura, aos valores próprios dessas comunidades constituídos por: "[...] agricultores/as familiares, assalariados/as, posseiros/as, assentados/as, ribeirinhos/as, caiçaras, extrativistas, pescadores/as artesanais, indígenas, remanescentes de quilombolas, comunidades de fundo de pasto, raizeiros/as, enfim, todos os Povos do Campo brasileiro" (SILVA, 2018, p. 51).

O movimento da Educação do Campo não é recente e teve suas bases nos

movimentos por uma educação básica do campo de qualidade protagonizada por representantes dos movimentos sociais, trabalhadores/as rurais, educadores/as, entre outros atores participantes da I e II Conferência Nacional da Educação do Campo realizada em Luziânia - Goiás, respectivamente, nos anos de 1998 e 2004.

A Educação do Campo é um movimento nacional, que tem sido construído pelos sujeitos coletivos do campo, na luta contra o processo de exclusão social e em defesa de outra escola, outra educação e de outro projeto de campo. Emerge como contraponto tanto ao silêncio do Estado quanto às propostas da chamada educação rural ou educação para o meio rural no Brasil (SILVA, 2018, p. 52).

A Educação do Campo reflete o cenário de luta e resistência dos sujeitos que têm protagonizado esse processo de construção de uma educação que compreende o campo como o espaço da diversidade e/ou da heterogeneidade, uma educação que leva em conta os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais dos sujeitos que a compõem (CALDART, 2008).

Nesse sentido, um dos diferenciais da Educação do Campo é atender os povos do campo em suas especificidades como seres de direitos e responsáveis por sua própria história. "O foco de nosso olhar não pode ser somente a escola, o programa, o currículo, a metodologia, a titulação dos professores. Como educadores têm de olhar e entender como nesse movimento social vêm se formando, educando um novo homem, uma nova mulher, criança, jovem ou adulto" (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 10).

Vale ressaltar que as escolas rurais sempre foram vistas e tratadas como inferiores por falta de políticas públicas, servindo como espaço de formação de mão de obra barata para atender aos interesses do capital, isto é, voltada apenas a "uma necessidade prática para a acumulação privada da riqueza social gerada pela modernização" (PEREIRA, 2012, p. 289).

De maneira diferente, a Educação do Campo trabalha numa perspectiva humanista, levando em consideração a formação do sujeito em sua subjetividade. Por isso, adota como princípios o reconhecimento e respeito às identidades, às religiosidades, aos saberes tradicional e à sustentabilidade (CALDART, 2008).

A função da Educação do Campo também é trabalhar a autoestima do camponês, levando-o a entender que o campo é espaço de vida e de evolução dos seus membros.

Nossa proposta é pensar a Educação do Campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações. Isto quer dizer que se trata de pensar a educação (política e pedagogia) desde os interesses sociais, políticos, culturais de um determinado grupo social; ou trata-se de pensar a educação (que é um processo universal) desde uma particularidade, ou seja, desde sujeitos concretos que se movimentam dentro de determinadas condições sociais de existência em um dado tempo histórico (CALDART, 2008, p.02-03).

Em suma, faz-se necessário a realização de projetos e políticas públicas destinadas aos sujeitos do campo que garantam a participação dos camponeses/as tanto na elaboração como na execução, ou seja, "para o desenvolvimento do território camponês é necessário uma política educacional que atenda sua diversidade e amplitude, e entenda a população camponesa como protagonista propositiva de políticas e não como beneficiários ou usuários" (FERNANDES, 2004, p. 3).

Outro aspecto que merece destaque é a superação da divisão entre campo e cidade. De modo geral, as políticas públicas, incluindo a educacional, tendem a beneficiar o meio urbano, causando assim desigualdade e exclusão social entre os sujeitos que vivem no campo e os que vivem na cidade. Por isso, a Educação do Campo "trata-se de um movimento que se propõe a superação das tendências dominantes nas políticas de educação para o meio rural no Brasil. As políticas públicas de educação sempre se pautaram na dicotomia entre o campo e a cidade, e nunca atenderam às necessidades e especificidades dos povos do campo" (MOLINA; SÁ, 2012, p. 473-474).

Vale salientar outros elementos que alicerçam a Educação do Campo, ou seja, os princípios que a fundamentam, conforme consta no Art. 2º do Decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010.:

- I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;
- II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;
- III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;

- IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. (BRASIL, 2010, s/p).

A Educação do Campo também tem como base a preservação do meio ambiente e a conservação dos recursos naturais, ou seja, a terra sendo vista como local de produção da vida. Assim, "na agricultura camponesa, o camponês e toda a sua família produzem alimentos e vida, e se produzem em todas as dimensões como humanos. O trabalho na terra carrega sua pedagogia: terra matriz formadora" (ARROYO, 2012, p. 560).

Esses grupos possuem extraordinária gama de saberes sobre os ecossistemas, a biodiversidade e os recursos naturais como um todo. Esse acervo de conhecimento está materializado no conjunto de técnicas e sistemas de uso e manejo dos recursos naturais, adaptado às condições do ambiente em que vivem (CRUZ, 2012, p. 598).

Desse modo, a valorização dos saberes e práticas das comunidades tradicionais são elementos que dialogam com a Educação do Campo, tendo em vista que o modo de vida dessas populações tem possibilitado a preservação de grandes áreas naturais a exemplo das terras indígenas e quilombolas em todo território brasileiro, diferentemente das áreas ocupadas pelo modelo de agricultura pautado na monocultura a serviço do agronegócio.

2.2 Etnociências

Segundo Sarles (1966, p. 66), "a etnociência trata do conjunto de conceitos sobre a natureza de um universo cultural especificado que é compartilhado por membros dessa cultura". Por isso, essa área do conhecimento tem como premissa entender e registrar os saberes dos povos tradicionais, ou seja, as relações ser humano/natureza.

A etnociência permite orientar e apoiar a construção de uma racionalidade a partir dos saberes locais no convívio com os sujeitos de determinada localidade. Leva-nos a perceber a complexa relação entre os saberes nos diferentes níveis, buscando os sentidos culturais e as aplicações práticas desses conhecimentos no

contexto das comunidades tradicionais.

A etnociência busca compreender as práticas e técnicas executadas pelos sujeitos que formam as diversas culturas espalhadas pelo planeta. Um dos principais objetivos da etnociência é valorizar e respeitar a ciência do outro, visto que são diversos os tipos de saberes e técnicas utilizadas pelos povos tradicionais. (COSTA, 2008).

A etnociência dedica-se às diferentes formas de categorização ou busca de compreensão da realidade a partir da relação que as comunidades tradicionais estabelecem com o meio ao qual estão inseridas há décadas ou mesmo por séculos, sendo estes saberes repassados e adquiridos por meio da oralidade.

Os saberes das comunidades ou povos tradicionais também se constituem como complexo e diverso. Desse modo, é preciso respeitar e reconhecer que cada povo possui um modo de organização própria, elaborada pela convivência em espaços de coletividades e resistência, como é o caso das populações que vivem no campo, a exemplo do povo Kalunga.

Faz-se necessário, então, a aproximação por parte da academia da realidade vivenciada por essas comunidades, não com fins de apropriação desses conhecimentos pela lógica do capital, mas para pensar formas de articulação entre os saberes populares e os conhecimentos da academia (ARAÚJO, 2014).

Nessa perspectiva, cabe o uso do termo "Etnociências" (no plural), uma vez que tal denominação refere-se ao conjunto de ciências que tem o prefixo "etno" acrescido, as quais estariam empenhadas não somente nas investigações etnográficas como também no respeito, preservação e valorização dos ecossistemas e das culturas historicamente oprimidas pelo mundo ocidental: Etnoecologia, Etnobotânica, Etnozoologia, Etnofarmacologia etc. (ARAÚJO, 2014, p. 145).

No cotidiano dos moradores, é possível verificar o uso dos saberes tradicionais em suas práticas de plantio, produção de alimentos, construção de casas e diversos utensílios ou ferramentas, nos rituais religiosos e festividades. Ainda que, de algum modo, afetados pelos efeitos da globalização, esses sistemas de saberes têm se mantido.

Assim, é preciso que as pesquisas e estudos nas comunidades tradicionais tenham retornos positivos para seus membros, desde a valorização, passando pelo reconhecimento e uso desses saberes na resolução de problemas enfrentados por esses povos.

2.3 Etnoecologia

As relações entre populações humanas e o meio ambiente acontecem tanto de formas harmônicas como também desarmônicas. Na luta pela sobrevivência e entendimento da natureza, os povos tradicionais desenvolveram conhecimentos sobre as formas de usufruir dos bens naturais e até mesmo cultivá-los.

Distinguem-se as duas tradições intelectuais que elaboraram uma compreensão sobre a natureza: a ocidental, forjadora da ciência moderna e a que aglutina diversas formas de compreensão sobre o mundo natural, denominada a experiência tradicional (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009, p. 1).

Conforme dito anteriormente, para manutenção da sobrevivência, os povos tradicionais contam com técnicas de manuseio que são passadas de geração a geração, por via oral, e experiências de contato direto com a natureza. A memorização é fundamental para tal manutenção de saberes, que garantem os ciclos de desenvolvimento local.

Esses conhecimentos têm um valor substancial para clarificar as formas como os produtores tradicionais percebem, concebem e conceituam os recursos, paisagens ou ecossistemas dos quais dependem para subsistir. Mais ainda, no conceito de uma economia de subsistência, esse conhecimento sobre a natureza se converte em um componente decisivo para o esboço e implantação de estratégias de sobrevivência (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009, p. 35).

Como ressaltam os autores, o conhecimento nas comunidades tradicionais é coletivo, sendo as atividades realizadas por membros das famílias com idades diferentes em determinadas funções, o que faz com que os participantes foquem em aprender aquilo que é utilizado por eles de acordo com a fase ou possibilidade de colaboração. Isso quer dizer que os saberes são adquiridos por meio da vivência ou experiência diária.

Na dimensão do tempo (ou histórica), o conhecimento contido em um só informante é a síntese de pelo menos três vertentes:

- (i) a experiência historicamente acumulada e transmitida por meio de gerações por uma cultura rural determinada;
- (ii) a experiência socialmente compartilhada pelos membros de uma mesma geração (ou um mesmo tempo generacional); e a experiência pessoal e particular do próprio produtor e sua família, adquirida pela repetição do ciclo produtivo (anual) paulatinamente enriquecido por variações, eventos imprevistos e surpresas diversas. Dita variação temporal resulta do grau de alcance que têm os conhecimentos oralmente transmitidos (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009, p. 36).

Dessa maneira, o que a etnoecologia vem salientar é basicamente uma atenção diferenciada ao que já foi construído por nossos antepassados e vivenciadas pelos trabalhadores do campo, as técnicas de uso e manuseio dos recursos naturais de forma menos agressivas ao ambiente.

2.4 Etnobotânica

De acordo com Araújo (2014), a etnobotânica busca compreender as relações cognitivas, comportamentais e simbólicas entre o ser humano e as plantas. Os estudos etnobotânicos voltam-se para o processo de identificação, nomeação, classificação, conhecimento e uso das espécies da flora por populações do campo ou comunidades consideradas tradicionais.

Em sua tese “O conhecimento etnobotânico Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente”, o autor aborda alguns aspectos do processo de nomeação, classificação que constituem os saberes tradicionais das plantas, tendo como base os membros da Comunidade Kalunga (Engenho e Vão de Almas), localizada no nordeste de Goiás.

Segundo Amoroso (1996), as pesquisas desenvolvidas no contexto da etnobotânica devem ser realizadas por meio da estreita colaboração entre pesquisa e os integrantes de determinado grupo humano ou comunidade.

Estes autores fundamentam suas pesquisas com a integração dos conhecimentos científicos da academia em integração com os saberes populares ou tradicionais, principalmente com o olhar voltado para os aspectos da vivência na natureza e as práticas sociais realizadas por essas comunidades ao longo do tempo.

É nesse sentido que os conhecimentos sobre as plantas e os seus usos nos fazeres diários são elementos de interesse para estudos das etnociências, ou seja, a ciência que valoriza e reconhece os saberes tradicionais.

No caso deste trabalho, interessa os conhecimentos das plantas para fins diversos, como alimentação, construção, artesanato, ornamentação e, principalmente, os usos medicinais.

Dessa maneira, a busca por compreender cada vez mais o meio ambiente que nos cerca faz parte da história da humanidade. E até hoje muitos povos trabalham diariamente para retirar de suas roças o sustento. Por isso, os saberes passados de geração a geração são muito importantes para a sobrevivência e

permanência nos territórios, algo que é característico dos povos do campo.

Como nos mostra Araújo (2014), o aperfeiçoamento das habilidades e o conhecimento sobre o uso daquilo que se encontra na natureza demonstra uma profunda relação ou integração das comunidades tradicionais com o meio ambiente do qual fazem parte.

Conforme o autor, esses conhecimentos são de grande valia para as práticas locais de modo a garantir não somente a sobrevivência, mas também a manutenção das tradições e/ou culturas ao longo do percurso histórico. Ainda hoje esses saberes não são totalmente reconhecidos ou apenas parcialmente considerados pela academia.

Desse modo, podemos perceber como esses conceitos se inter-relacionam com a Educação do Campo, tendo em vista que o modo de vida dos sujeitos do campo é constituído no convívio com a natureza e no sustento por meio do trabalho na terra.

Através das pesquisas de campo, surge essa necessidade de registrar essas informações que por sua vez, são cedidas pelos mais velhos, com o conhecimento que lhes foram adquiridos oralmente, ou até mesmo por meio das observações dentro ao seu meio de sobrevivência sendo repassado de geração por geração através da oralidade.

Contudo esses relatos que ficam registrados, servem para manter a memória dos mais velhos vivos nesse formato de armazenamento de informações, tanto quanto para aproximar os mais novos dos seus antepassados, nos quais posteriormente possam buscar informações relevantes sobre seus antepassados.

Nessa condição enquanto estudante, cabe-me assegurar e levar a importância do conhecimento como dono da sua própria história aos mais jovens, podendo a estes entenderem que fazem parte de um elo de riquezas nos quais eles possuem, e que passam por despercebidos pela maioria desses jovens na comunidade, e que essas informações vem se tornando enfraquecidas devido o desinteresse dos mesmos estarem inseridos na cultura, como também na tradição, nos saberes e fazeres dos seus antepasdaos. Com o passar dos anos essa transmissão dos saberes pode resultar em informações rasas ocasionadas pelo desinteresse enquanto jovens, adolescentes.

3 METODOLOGIA

O presente estudo tem como base a pesquisa qualitativa sob o enfoque etnográfico. Segundo Freire (2010, p. 22), “a pesquisa qualitativa busca uma compreensão mais totalizante daquilo que está sendo investigado”.

Por outro lado, Marconi e Lakatos (2010, p. 94) enfatizam que “mesmo o estudo descritivo requer alguma generalização e comparação, implícita ou explícita”. Diz respeito a aspectos culturais, que dispõem de muitas informações e a pesquisa qualitativa é um modo que requer observação de forma aberta e profunda.

A respeito da pesquisa etnográfica, esta “refere-se à análise descritiva das sociedades humanas ou ágrafas, rurais e urbanas, grupos étnicos etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 94). Tal fato nos permite conhecer a cultura e o estilo de vida de determinado grupo étnico.

Para fins desse trabalho, o caráter da investigação é descritivo e etnográfico, tendo como base a vivência e experiência da pesquisadora como membro da Comunidade Kalunga Vão de Almas.

O estudo leva em consideração alguns elementos naturais e culturais desse território a partir da visão dos colaboradores da pesquisa, membros e moradores locais. O foco é o conhecimento etnobotânico da comunidade, de modo mais específico, as técnicas empregadas no manuseio e uso das plantas medicinais.

Nesse sentido, Freire (2010, p. 21) apresenta que “alguns pressupostos que regem a pesquisa qualitativa dizem respeito ao conceito de realidade, uma vez que a abordagem qualitativa considera a realidade como uma instância em interação dialética com o sujeito e não como um fenômeno ‘em si’”.

Por isso, a observação e a pesquisa de campo integram os procedimentos metodológicos desse estudo. Além disso, contamos com as fontes ou referenciais que subsidiam os referenciais do trabalho (MARCONI; LAKATOS, 2010).

3.1 Pesquisa qualitativa

Na pesquisa qualitativa o pesquisador tem contato com a subjetividade que faz parte da realidade, sem colocar em primeiro lugar a quantidade. Esse método busca recuperar as experiências humanas.

A investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes,

representações e opiniões, busca perceber, com consistência, fatos e processos particulares e específicos de indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão, em profundidade, de um determinado fenômeno. (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Becker (1994) registra que a história de vida aproxima-se mais da terra, a história valorizada é a história própria da pessoa, nela, são os narradores que dão forma e conteúdo às narrativas, à medida que interpretam suas próprias experiências, percebendo-as como parte do mundo do qual fazem parte.

Na pesquisa qualitativa, a entrevista é um instrumento básico para a coleta de dados. Nesse sentido, Lakatos e Marconi (2010) ressaltam que a entrevista possibilita a interação por meio do diálogo entre “quem pergunta” e “quem responde”.

Esta técnica foi utilizada nesta pesquisa para o registro das entrevistas com os raizeiros da comunidade Vão de Almas, na localidade Vargem Grande. O trabalho buscou recuperar informações sobre acontecimentos e processos que tem relação com as práticas etnobotânicas locais.

3.2 Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo volta-se para o lugar da observação, do contato direto com os entrevistados, da vivência e experimentação no contexto da investigação científica.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 169).

Estar em campo é ir além da coleta de dados, mas também observar as situações que podem ocorrer e registrá-las. Uma vez que já se tem o conhecimento dos registros acerca do que esta sendo pesquisado, é fundamental ter atenção a novas informações ou mesmo imprevistos que podem enriquecer a pesquisa.

As pesquisas realizadas em campo “utilizam varias técnicas, como entrevistas, questionários, formulários etc. e empregam procedimentos de amostragem” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 170).

A pesquisa de campo visa observar e entender do micro ao macro, ou seja, desde um indivíduo à comunidade ou mesmo o impacto de ações políticas, sociais,

econômicas etc. no grupo ou ambiente estudado. “O interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos visando à compreensão de vários aspectos da sociedade” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.172).

Esse método de pesquisa, assim como os outros, também possui consequências que devem ser consideradas pelos pesquisadores a fim de evitar prejuízos ao estudo.

As vantagens seriam:

- c) Acúmulo de informações sobre determinado fenômeno, que também podem ser analisadas por outros pesquisadores, com objetivos diferentes. b) Facilidade na obtenção de uma amostragem de indivíduos, sobre determinada população ou classe de fenômenos. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.172).

E as desvantagens:

- a) Pequeno grau de controle sobre a situação de coleta de dados e a possibilidade de que fatores, desconhecidos para o investigador possam interferir nos resultados. b) O comportamento verbal ser relativamente de pouca confiança, pelo fato de os indivíduos poderem falsear suas respostas. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.172).

No caso dos saberes populares, muitas vezes os elementos de importância para aquele grupo podem passar despercebidos pelos pesquisadores por julgarem algo sem relevância ou até mesmo por desconhecimento da realidade investigada. Por isso, esse contato direto com o sujeito ou o ambiente de pesquisa requer habilidade e profissionalismo para que o pesquisador não seja influenciado pela subjetividade.

Como abordado pretendo dar continuidade nessa linha de pesquisa, através do desenvolvimento de trabalhos promovidos na comunidade, bem como artigos e projetos, para serem desenvolvidos principalmente pela participação do público jovem há serem ouvidos pelos pesquisadores, possibilitando a estes explorarem os seus conhecimentos já advindos dos seus antepassados, instigando os á concentrar mais informações sobre a comunidade como um todo.

A partir daí fazer com que desperte neles o interesse pela pesquisa, enfatizar a importância dessas informações que ficam registradas, ressaltando o quanto é valioso o conhecimento a ser repassado, e nesse processo de aprendizagem eles tendem a buscar novas informações a serem repassadas no decorrer das suas

participações, e para além disso, colocando-os como sujeitos da sua própria história.

Através de rodas de conversa com os mais velhos na comunidade, pontuar a importância do conhecimento, da cultura, dos fazeres e saberes dos seus antepassados, relembrar a importância da participação desses jovens nos afazeres dos mais velhos, e relembrar que essas informações estão sendo perdidas aos poucos, e que eles tem essa oportunidade de serem os próximos transmissores do conhecimento.

3.3 Entrevista

A entrevista é um procedimento utilizado na pesquisa de campo, uma forma de contato direto com o colaborador. Isso possibilita o registro da opinião e da experiência de cada sujeito, ampliando a riqueza de detalhes. O pesquisador conduz a entrevista com pontos norteadores, o que facilita ao entrevistado exprimir suas ideias ou descrever as informações consideradas pertinentes.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.178).

A entrevista é um recurso de grande vantagem na pesquisa de campo em comunidades tradicionais, uma vez que não é necessário que o colaborador tenha de escrever, tendo em vista que ainda há um grande número de pessoas, principalmente, mais idosas, que não são alfabetizadas.

Este procedimento de pesquisa tem como objetivo principal a obtenção de informações para a geração de dados que serão utilizadas pelo pesquisador na esquematização, fundamentação e análises do estudo.

Neste estudo, as entrevistas foram realizadas por meio da gravação (no aparelho celular) e contou com a participação membros da comunidade com relação ao uso das plantas medicinais dentro da localidade Vargem Grande.

Os entrevistados foram membros da comunidade, sendo eles alguns dos mais velhos, os quais eles possuem um conhecimento mais aprimorado tanto dentro da cultura como ao seu próprio meio de vivência e sobrevivência, e a partir daí o intuito era registrar essas especificidades dos saberes acerca das condições e informações do conhecimento de cada um, que é carregado e transmitido de geração para

geração através da oralidade.

As transcrições das entrevistas foram realizadas inicialmente através do Idioma da Digitação por voz no aplicativo do Whatsapp, e depois foi feita toda a correção, das palavras que apareciam incorretas, como da pontuação e finalização das perguntas através da escuta de cada áudio dos entrevistados.

4 O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS

Conforme explanado, o presente estudo na Comunidade Kalunga Vão das Almas, localidade Vargem Grande, tem como base a pesquisa qualitativa. O olhar foi para a relação existente entre o uso das plantas medicinais e as necessidades básicas dos moradores.

Na comunidade Kalunga Vão de Almas, as plantas medicinais se constituem como um recurso terapêutico de enorme importância, pois há muito tempo as plantas vêm sendo utilizadas como fontes de tratamentos, em suas diferentes preparações tradicionais de cura na comunidade através de chás, sumos, garrafadas, sucos, xaropes etc.

Para fins desse trabalho, o caráter descritivo da investigação na Comunidade Kalunga Vão de Almas, levou em consideração os elementos naturais e culturais do território a partir da visão dos colaboradores da pesquisa, membros e moradores locais.

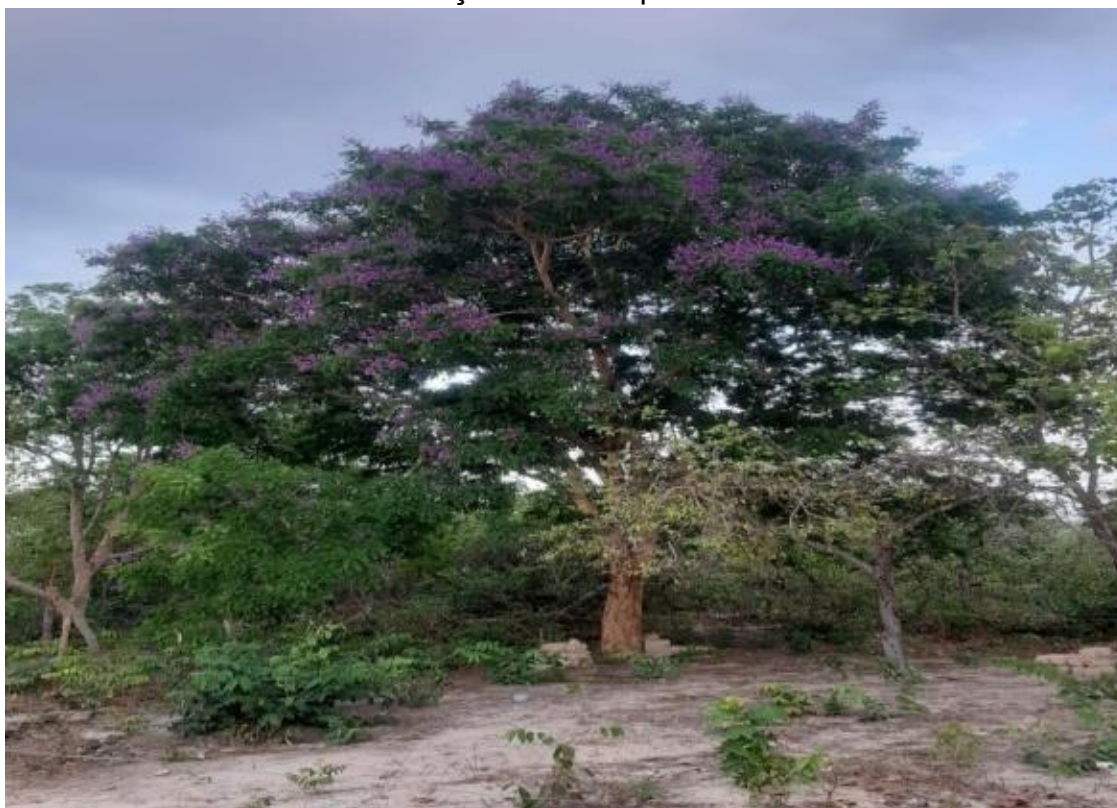
Vejamos alguns elementos deste conhecimento etnobotânico, tendo como base as técnicas empregadas no manuseio e uso das plantas medicinais, conforme ilustrado a seguir:

Ilustração 1 - Algodãozinho do cerrado



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Ilustração 2 – Sucupira branca



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Ilustração 3 – Cascas e raízes embaladas para a venda



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Ilustração 4 - Pó das raízes preparados para o uso



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Ilustração 5 - Garrafadas preparadas



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Por meio da pesquisa de campo, foi realizado o levantamento das plantas mais utilizadas na Comunidade Kalunga Vão das Almas, localidade Vargem Grande, conforme o quadro abaixo:

Nome das plantas	Partes utilizada	Para que serve
Imburana	Fava	Usado o chá no combate á febre e “curtipação” (constipação).
Sucupira	Fava	Usado o chá quando há inflamação da garganta.
Assapeixe	Folhas maduras	Usada o chá no combate á febre.
Aroeirinha	Folhas verdes	Usado sumo para machucados.
Braúna	Resina	Usada o chá no combate á chia.
Mangaba	Leite	Usado no combate à diarreia.
Batatão	Raízes	Usado como laxante.
Carapeá	Raízes	Usado o chá no combate á febre.
Algodãozinho	Algodãozinho	Usado no combate à inflamações.
Velame – branco	Raízes	Depurativo do sangue.
Quina	Entrecasca	Depurativo do sangue.
Calunga	Raízes	Usado no combate às lombrigas.
Barú	Entrecasca	Usado no combate á próstata.
Quebra-pedra	Raízes	É bom para os rins.
Buréré	Raízes	Depurativo do sangue.
Gervão	Folhas e raízes	Usa o mel pra desregulamento.
Fedegoso	Raízes	Usado no combate á febre.
Manga	Folhas maduras	Usado o chá no combate á febre.
Roseirinha	Raízes	Usa no controle da menstruação.
Jatobá	Entrecasca	Usado no combate á próstata.
Barbatimão	Entrecasca	Usa no banho período pós parto.
Rosetinha	Raízes	Usa no banho período pós parto.
Negramina	Folhas maduras	Usada o chá no combate á febre.
Carrapicho/de saia	Raízes	Usada no combate á inflamação.
Alecrim do Campo	Raízes	Usado o chá como calmante.
Pacarí	Entrecasca e folhas	Usado no combate á gastrite.
Canção	Raízes	Usado no combate ao câncer.
Mastruz	Folhas	Sumo para o período pós-parto.
Andú	Folhas	Sumo para o período pós-parto.
Carrapicho	Folha	Usa sumo em caso de congestão.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023).

Das 30 (trinta) plantas medicinais relacionadas, todas são usadas na comunidade para diversos fins, desde as folhas verdes e maduras, entrecascas e raízes. Normalmente das folhas verdes fazem os sumos, e as folhas maduras os chás, e com diversas raízes são preparadas as garrafadas, e usadas para preparar os banhos.

O levantamento, registro e indicação das plantas citadas acima são oriundos da experiência em campo e têm como base a realização das entrevistas. Os colaboradores são membros da comunidade que fazem uso das plantas e desenvolveram seu conhecimento etnobotânico como resultado dos ensinamentos dos mais velhos (seus familiares, principalmente, pai e mãe) no contato direto com a natureza em seu território.

Os entrevistados foram identificados pelo fato de valorizar o saber de cada um deles, sendo que todos autorizaram, também, a permanência do nome como resultado das entrevistas.

1. Qual é a sua experiência com as plantas medicinais?

Sou da Comunidade Kalunga Vão de almas, tenho 35 anos e minha experiência com as plantas medicinais, ela começa a partir né; dos meus pais

né desde pequeno, e naquela época não existia né o uso de medicamentos de farmácia né, eles não ia quase na cidade porque até por meio de difícil acesso naquela época, e quando ia era no lombo do cavalo então não tinha quase acesso nem médico, e nem também remédio de farmácia, então daí todas as coisas que acontecia todas os sintomas que acontecia era através das plantas medicinais né eles fazia e dava para os filhos tomar. E nem só os filhos, mais como as pessoas da redondeza que isso sabe que sentia alguma coisa as pessoas que tinha mais um entendimento sobre as plantas medicinais ajudava os vizinhos né, e a comunidade em volta mesmo... então eu cresci né tomando remédio das plantas medicinais da comunidade junto com meus pais, meus tios, avós quando a gente não tava na casa dos pais estava na casa dos avós... então eles também tinha uma alta reconhecimento das plantas medicinais e na verdade a comunidade inteira né, tinha esse domínio das plantas medicinais. (Entrevistado Romes dos Santos Rosa).

Tenho 35 anos. Tenho uma grande experiência em relação às plantas medicinais, desde criança já observava meus pais colhendo plantas para fazer, chá, sumo... e a partir daí percebi a importância e poder das plantas para curar quando necessário. Quanto às folhas, como raízes, cascas, ou até mesmo frutos e sementes, tem um valor enorme na cura na comunidade. (Entrevistada Niecia Pereira dos Santos).

Eu tô com 56 anos. A experiência que eu tenho é que a gente tem as plantas daqui que fazem remédio, a experiência que eu tenho é igual a fava da sacupira que ela serve para inflamação na garganta ela serve para combater o canço que a gente colhe, tira o óleo dela e faz o chá pra tomar. (Entrevistada Irene Francisco da Conceição).

72 anos. Uá minha experiência pras plantas medicinal até que eu conheço

pouco né, que eu sei carrapicho gente bebe ele pa mode afremação na barriga, bebe ele se sentir um cumé que fez mal bebe ele, se a pessoa deu febre e dependendo o tipo da febre se ver que é risciadro pode rancar ele, cozinhar, beber que ele é bom, a fava da emburana pode torrar ela também uns nove caroço, machuca e aí põe uma vazia põe uma água esperta para beber esse aí é bom para curtipação, Deus livre e guarda até a próprio prumunia que ela dá espalhada no corpo né, dor no corpo, aí pode beber ela porque aí a dor junta e se tiver com disenteria também tiver caminhando ou vomitando pode beber ela que ela é boa, tanto como pa caminhadeira e como pa vomitadeira ela é boa. (Entrevistada Brígida Dias dos Santos).

75. Ah minhas experiências são boas, assim no meu causo que derna de eu criança, que a gente usava muitos remédios caseiros no causo que eu penso assim... pra dor a gente sempre usava muitas ervas, às vezes a gente tá sentido uma dor a gente faz um chá e pra tomar, vamos no caso do chá eu sempre uso pra dor pegar o manjerição, a farvaca, pra fazer um chá por causa de dor de gás, é muito bom isso aí. (Entrevistada Natalina dos Santos Rosa).

Eu tenho 76 completar 77 em dezembro. As plantas medicinais de algumas eu tenho experiência com elas que tem usado bem algumas delas. (Entrevistado Faustino dos Santos Rosa).

Eu tô com 68 anos. Uah a experiência que eu tenho é por causa que os remédios que eu já arrumei pa as muié tudo elas já curou, pa homem nem tanto mas pas muié eu tem certeza que os remédios que eu já fiz que elas vem me procurar tudo já curou. (Entrevistada Luzia Francisco da Conceição).

Com base nos relatos dos entrevistados, é possível observar como a vivência no Cerrado possibilitou aos membros da comunidade, por meio de saberes passados de geração em geração, identificar qual tipo de plantas é usada para cada problema de saúde.

De acordo com Araujo (2014, p. 81), “o uso dos recursos vegetais apresenta-se como algo fortemente vinculado ao saber tradicional das comunidades locais, possibilitando a estes o conhecimento necessário das plantas para fins diversos como: alimentação, construção, artesanato, ornamentação, usos medicinais e religião”.

Em relação ao segundo tópico da entrevista, este teve como foco o manejo e uso das plantas medicinais: O senhor (a) já vivenciou ou praticou o manejo das plantas medicinais?

Eu sempre vivencie né, E também é pratico o manejo das plantas medicinais né, como disse aprendi com meus pais, e esse aprendizado eu vim sempre praticando o uso da medicina né com os meus filhos né, até mesmo dentro da sala de aula né, hoje a comunidade não possui uma diretoria e também nem um poustinho de saúde, então os meninos quando dói a cabeça ou dor de barriga ou dor de dente ou empanzimento qualquer coisa que sente então a gente além de ser professor a gente também cuida dessas pessoas com algumas plantas medicinais né, nunca

deixamos também de continuar com essa cultura né de saberes, pois as plantas medicinais elas ajudam muito a combater várias doenças né, que as pessoas vem sentindo é e daí a gente porque é além de ser orgânica né é uma coisa tradicional, é orgânica, não é muito tóxico também, e é isso e cada dia a gente vai aproximando mais né dos conhecimentos ...até porque é cada dia surge o estudo né surge projeto né, que a própria comunidade né, hoje ela tem os seus projetos TCC de faculdade né falando das plantas medicinais né, para que serve para que é bom, como foi naquela época né que não existia médico né, e existia as parteiras... as parteiras era as verdadeira médica da comunidade para todas as coisas né, pro parto né quando ganhava menino as mulheres ganhavam meninos elas já tinha tudo aqueles medicamentos né, além de outros sentimentos né, com que as pessoas sentia né; como dor no estômago, dor de barriga, dor de cabeça, febre alta né, é pressão alta... às vezes tinha remédio para pulgante né quando a pessoa precisava tomar um pulgante né, quando as pessoas estavam encalhada é sempre tem esses remédios que as parteiras até hoje continua com isso né, mas devido a medicina hoje devido também devido às leis né, hoje as parteiras as pessoas que falam né que tem a cultura dos saberes tradicionais fica com medo de passar os remédios pra população pra própria comunidade e acontecer algo e também até mesmo né ser processada por ter dado medicamento sem dosagem sem um controle de que a medicina sempre exige né, nos parâmetros da medicina. Então é isso acaba as pessoas ficando com um pé atrás e sem querer tá ensinando esses medicamentos né tradicionais da comunidade. (Entrevistado: Romes dos Santos Rosa).

Sim vivenciei desde criança e até hoje valorizo o poder que as mesmas contém. Moro na comunidade e as plantas vem em primeiro lugar para tratamento das doenças mais gripe, machucado, cólicas etc. (Entrevistada Niecia Pereira dos Santos).

Já sim. Aqui eu faço garrafada com as raízes, com as cascas, tem a raiz da roseirinha que é um santo remédio para as mulheres no controle da menstruação, tem o cordão de São Francisco também que é remédio pra depurativo do sangue, a raiz também que eu faço garrafada, e faço o chá também. Trabalho sim, eu trabalho com garrafada, eu trabalho com chá, eu trabalho com sumo, eu faço de tudo. Por que tem a folha da aroeirinha que a gente faz o sumo, a aroeirinha, o andu, é o matruz aí a gente junta tudo, e gente faz um sumo que é pra o uso primeiramente a Deus mas se uma mulher ganhar criança, se tiver em estado grave e ela conseguir beber ao menos um pouco depender do parto ainda que ela tiver ganhado a criança às vezes pode assumir o parto pra cabeça, como é de costume ataca a cabeça das mulheres... por isso elas ainda não morre não que é um santo remédio eu ainda faço isso tudo ainda, se tiver com uma dor de cólica também pode tirar o sumo e tomar que é muito bom, esse agora com esse tempo que dá essas doenças de dor na custela é um santo remédio e a gente continua fazendo o sumo e tomando. (Entrevistada Irene Francisco da Conceição).

Agora eu já faço mais pouca praquê enquanto a gente tá com menino pequeno cuidando de menino né, gente faz mas; mas depois que meus meninos já tá tudo grande cundisse o que eu tive de pôr na cabeça deles já pus pra eles aí eles mesmo é que já tá fazendo tem hora até que eles mesmo já faz e mim dá né, igual aquele carrapicho barra de saia mesmo pa muié, que sente às vezes ela tem menino e aí ela acaba o resguardo não tá sadia esse carrapicho barra de saia é bom pó mode... a muié rancar nove pé, e pode cozinhar ele quer cozinhar ele cozinha, não quer pôr numa pinga e deixa passar três dias, e aí bebe cedinho antes de conversar com com ninguém é bom também, e ela também é boa assim que se chegar de gripar tiver gripado, esse carrapicho barra de saia pa rancar a raiz dele com raiz de grapear folha de sapeixa madura raiz de raiz de sapeixa pá rancar

ele sapecar lá no fogo e cozinhar junto aí é bom. Eu faço mais é sumo, é chá, garrafada ante que eu nunca fiz não, uai pa fazer o chá sempre eu uso tem u capim de cheiro tem o Capim Santo tem cidreira que tudo é bom para fazer chá, inté que gente faz tamém chá de cravo, de gengibre que é bom pa gripe né, a gente faz o chá de gengibre junto com limão aí é bom pa gripe né. (Entrevistada Brígida Dias dos Santos).

Já, já pratiquei das plantas, esses chá é que eu sou costumada fazer. Ainda tem até hoje, eu continuo fazendo os chá, e casca que eu sempre fazia, ainda nunca deixei de fazer, tem o mesmo manejo até hoje. (Entrevistada Natalina dos Santos Rosa).

Sim. Ainda tem ainda que gente não esquece fácil da cultura. (Entrevistado Faustino dos Santos Rosa).

Eu já tirei a raiz, e já tirei a casca, a casca sempre eu tiro do lado que o sol sai, e não tira a casca até na madeira do pau, só tira assim por riba a casca grossa, a fina fica embaixo. Eu têm. Eu faz garrafada, sumo eu não faz nem muito, eu tiro o sumo faz o mel, a melada pa gripe, faz o mel do gervão pa muié, quando tá assim meia menstruada neh, que resguardo o mel de gervão tudo é bom, eu faz o xarope com caroço de algodão, pa gripe, pos pulmão, e eu faz a garrafada pa homem pa prosta. (Entrevistada Luzia Francisco da Conceição).

Com base nas respostas à segunda pergunta, percebemos a variedade de plantas, as partes que são utilizadas, assim como suas aplicações de acordo com a enfermidade ou necessidade que se apresenta. Assim, vemos a riqueza de detalhes na descrição, ou seja, a caracterização das variedades do uso das plantas medicinais por parte dos membros da comunidade.

Estas pessoas possuem um conhecimento que é colocado à disposição da comunidade, por isso são considerados como os “mais sabedores”. Para fins desta pesquisa, adotaremos o emprego do termo “etnoespecialistas”, conforme é explicado por Araújo (2014):

Utilizamos o termo "etnoespecialista" (COSTA N., 2013; COSTA e GOMES, 2013) para nos referir aos colaboradores com profundo conhecimento etnobotânico. Dessa maneira, optamos por tornar visível, manter o nome destes, como forma de colocá-los no mesmo patamar dos especialistas das ciências da academia. [...] De acordo com Posey (1997), os informantes (uso do termo pelo autor) devem ser tratados com o mesmo respeito que dispensamos aos especialistas de nossas culturas, pois eles podem ser especialistas de uma determinada área de conhecimento dentro de sua própria cultura. (ARAÚJO, 2014, p. 43).

Dessa maneira, percebemos por que a conservação dos ecossistemas é fundamental para a garantia do sustento e saúde dos povos do campo. No caso dos Kalunga, Ungarelli (2009) reforça que para esse povo é essencial a preservação do Cerrado, e esse processo é resultado do acúmulo de saberes das gerações anteriores.

O respeito e o cuidado com as plantas também evidenciam o conhecimento de que esse processo é essencial para se obter bons resultados com o uso das plantas

medicinais, como podemos ver nos relatos seguintes, tendo como base mais uma das perguntas do roteiro de entrevista: Quais os tipos de remédios e as plantas medicinais mais usadas?

Eu sempre além de saber eu conheço vários tipos de remédio né, que é a Quina, o Kalunga, é o pacari, é o barbatimão, a Congonhas, o Carrapicho, aroeirinha, o leite de mangaba, o riscado de fogão, o entrecasco da tatarema, o velame branco, folha de algodão, a fulô de abóbora, flor de algodão, também

o azeite de mamona, o batatão, fava de sucupira, onde o batatão ele é a resina dele né, resina de batatão que é tirada de uma mandioca do cerrado ela serve para pulgante né, pra pessoa que tá encalhada ou que tá precisando fazer o cocô mais mole, tirar aquela coisa né é ruim da barriga né, que dá pode estar ali há muito tempo com a barriga ruim, aí ele toma para tirar toda aquelas fezes que tá ali encalhada muito tempo... pra pessoa se sentir melhor aroeirinha em casa de machucado né, alguns leva alguma pancada ou leva uma queda de cavalo ou um coice que seja qualquer coisa que seja de pancada ou o sumo da folha da aroeirinha é bom para tomar para desinflamar. O carrapicho ele é bom para tomar quando a pessoa tá com dor de barriga, o algodãozinho, velame branco ele é depurativo do sangue né, ele é bom para depurativo do sangue quando as pessoas qualquer coisa tá com uma inflamação ou qualquer outra coisa aí toma algodãozinho ele é bom para depurativo do sangue tanto faz na água como na pinga, o barbatimão também ele é bom para inflamação né, as mulheres também quando ganha criança é tanto faz algodãozinho com uma folha de algodão, tira o sumo é a folha de algodão é tirado o sumo, e o barbatimão é colocado na água morna né pra até mesmo tomar banho; o pacari ele é muito bom né para dor no estômago né quando a pessoa tá com uma gastrite bem forte aí pode tirar a casca do pacari ou que seja sumo da folha e tomar deixar de molho e tomar, e é azia por causa da gastrite vai embora em questão de minutos, a folha da Congonha ela é boa para tomar o chá né; para puxar dela né colocar ela na água morna e deixa esfriar e toma para pressão alta tanto faz ela para pressão alta como uma folha de cagaita né, pra fazer o chá de manhã cedo e tomar também é muito bom a folha de maracujá, é bom para baixar a pressão, o riscado de fogão é um, é o carrapicho ferve o carrapicho e coloca um pouco de Cinza né da fomalha do fogão dentro e dá para pessoa quando ela tá com digestão com mal digestão né que a barriga tá empanzinada aí pode pegar e dá esse carrapicho com um pouco de cinza da fomalha chamada de riscado de fogão é rapidão a digestão acaba, o Kalunga e a Quina é um medicamento usado aqui né culturalmente aqui dentro para combater lombrigas, né ele é muito amargo então sempre usamos o Kalunga, é a Quina, né o pau Pereira, a milona para combater as lombrigas quando o menino tá com muita lombriga barrigudo é como fala gengindo os dentes à noite, mordendo conversando demais à noite sem poder parar na cama é sinal que tá com lombriga, aí eles faz esse remédio para combater a lombriga o leite de mangaba também quando a pessoa tá com uma má digestão também ela é usado... vai lá no mato pica o caule da mangaba e aí deixa pingar o leite dentro da água e toma que é bom para dor de barriga e má digestão também. (Entrevistado Romes dos Santos Rosa).

Sim esse contato com as plantas medicinais veio dos nossos antepassados,

e até hoje vem sendo passado de geração para geração, assim podemos fortalecer e valorizar nossa cultura local. Entretanto, as plantas mais usada na comunidade são: Carrapicho, alfavaca, manjerição, negramina, alecrim, o fruto da sucupira, capim santo, casca de pacari, quina, chapada, raiz de capim de cheiro, fedegoso, imburana(semente), Carrapicho- congestão, Alfavaca e capim santo-febre, Manjerição e negramina- cólicas menstruais, Quina- anti- inflamatório, Alecrim- insônia. Casca de pacari- cicatrizantes, Chapada- gripe,

Fruto da sucupira- inflamação de garganta, Capim de cheiro e fedegoso – febre, Imburana(semente) febre. (Entrevistada Niecia Pereira dos Santos).

Eu aqui o que eu mais uso pra garrafada eu uso muitas ervas que eu uso o algodãozinho, eu uso canção, eu uso cordão São Francisco, a roseirinha é vários remédios eu nem vou dar conta de falar tudo agora nesse momento que é muita raizada, que é raízes e as cascas, casca de imburana, é a casca do baru, inclusive tem os do banho também antigamente quando as mulher ganhava menino aqui da roça que a gente fazia os banhos né, tinha mulher que ganhava menino precisava ter o banho inté hoje assim interessar aí a gente tem as cascas de pau que a gente tira para fazer os banhos. Ele serve quê às vezes a gente tá com sangue dirrigulado aí ele regula o sangue se tiver grosso ele ralia e se estiver ralo ele controla engrossa. (Entrevistada Irene Francisco da Conceição).

Ah já, casca eu já tirei casca demais... entrecasco de mangaba ela também é boa assim pesse tempo de calor para tirar o entrecasco de mangaba para beber ela é boa pa mode desinteria, que tiver com vumitadeira ela é boa e depois, e depois entre casco de tatarema tomém é bom se tiver com disinteria, entrecasco de sambaibão tomém para tirar para pôr na água para beber que tiver cum desinteria é bom também... Agora já entrecasco de pigiricum ele é bom assim se a gente tiver sentindo cumo ta aí se for uma dor aí cozinhar ela para beber que é bom, e a pimenta memo a fuita do pigiricum pa panhar ela torrar o caroço dela torra machuca, e aí põe numa vasilha que não enferruja, quenta a água e põe para beber é bom para qualquer uma dor, que for dor de desintrusidade seja lá qualquer uma dor ela é boa, a pimenta do pigiricum tanto como entre casca é bom e como a fuita é boa. Ah a dor de desintrusidade prueque às vezes você deita, deita boa quando ocê deita, que ocê drumo, que cordô, que ocê vai mexer aí... já doeu uma dor de desintrusidade oh ela dói no seu pescoço oh ela dói pa custela né, às vezes tem hora que ela se ela doer no seu pescoço aí quando manhece o dia você já tá com o pescoço duro oiando só pum lado, aí já é a dor de desintrusidade aí é que bebe a pimenta pigiricum que é boa e bebe imburana também que é boa, e também caçar aonde cavalo coça assim num pau para passar o pescoço três vezes é bom pra essa dor de desintrusidade que dizendo o povo mas veio que dor de desintrusidade que se forma prumunia aí é bom tomém. (Entrevistada Brígida Dias dos Santos).

Eu uso mais até hoje eu pego a foia de andú, eu pego mastruz, e a foia da negramina, e pra mim tirar um sumo pa tomar, que eu têm muita fé até hoje, eu uso essas plantas pra fazer o sumo pra tomar essas sempre eu uso até hoje. Aí eu faço garrafada, a minha garrafada preferida que eu faço, eu tiro a raiz da mastruz, eu põe raiz de carrapicho, carrapicho barra de saia, e a raiz da negramina, que é uma coisa que eu gosto muito de fazer, rancando a raiz do algodãozinho, essas são as raiz que eu gosto de rancar pra fazer junto, esses remédios, junto pra fazer a garrafada, e eu pego tomém, eu ponho um entrecasco de jatobá nessa garrafada, um pedacinho de cerno de aroeira também eu ponho nessa garrafada. Oia essas tudo as raiz, as cascas, e o cerno, são pra inflamação, aí a gente faz essa garrafada e toma que é bom pa inflamação no útero, e no estômago, ela faz curar essa

inflamação do estômago e do útero. (Entrevistada Natalina dos Santos Rosa).

É aqui para nós aqui na roça, nós usamos muito é dependendo a merma que a gente tem que ter muitas plantas que a gente usa de gripe a cima tudo tem plantas medicinais que a gente umas usa raiz outras usa a rama para fazer chá. Pra gripe usamos assapeixe e usamos é a raiz e as ramas também, gente usamos. Tem planta que serve pra diarreia, outras serve para quebrante, outras serve pra fígado, e têm planta que serve até para os rins. (Entrevistado Faustino dos Santos Rosa).

Uah eu uso, eu uso essa carobinha que é remédio muito bom, carobinha, eu uso esse quebra pedra tomém eu uso pos rins, eu uso algodãozinho esse daqui é de mulher quebra-pedra é de homem e de mulher que é bom pos rins, quebra pedra, põe o quebra pedra, põe junto com a folha de lima e faz um chá, caroço de abacate tudo eu já levei e já vendi, é bom pos rins, e tem a raiz de caranguejo que é muito bom para muié, eu musturo com o algodãozinho, musturo com burerê, tem sangra d' água aqui não tem, mas tudo eu põe no remédio que é bom, esse calunga que é muito bom pa esses problemas de diabetes, o pau doce tamém é muito bom pa caresterole e coração, e tem também tem mais remédio. O carrapicho barra de saia tamém põe na garrafada da muié tamém, aí a braúna, a braúna é pra chia, e eu faço o remédio para chia tamém, a sacupira é pa prosta, baru é pa reumatismo, e tem tamém oto ingriente que a gente faz que serve pa disinteria pa, batatão esse aí é pa puiga, esse daí é pa relaxar a barriga. (Entrevistada Luzia Francisco da Conceição).

Ao dizer que determinada planta apresenta um propriedade curativa, por exemplo, “é boa para pedra nos rins”, o raizeiro aciona determinado conhecimento e memória que advém de suas experiências, de sua percepção e cognição da realidade.

É possível observar que o conhecimento sobre os tipos e as características de cada planta é fruto da experiência no território, ou seja, a interação no meio ambiente (na natureza). A distinção das cores, formato das folhas, ramas, casca, raízes etc.

A percepção de cada detalhe das características das plantas não se trata simplesmente de uma mera estratégia para se distinguir cada uma delas, na verdade, revela um profundo conhecimento das propriedades de cada planta – em associação com o conhecimento de seu meio ambiente como um todo –, o que possibilita, além da identificação e nomeação, o uso e a classificação. (ARAÚJO, 2014, p. 105)

Em resumo, do ponto de vista social, esse compartilhamento é fruto da experiência, das interações que ocorrem com (e no) meio ambiente e entre os membros da comunidade.

Assim, o uso popular das plantas medicinais é uma sabedoria que acompanha os moradores locais sendo fundamentada no acúmulo de informações repassadas oralmente através das sucessivas gerações ao longo do tempo.

Veremos como isso ocorre por meio da próxima pergunta da entrevista: Com quem o senhor (a) adquiriu esse conhecimento sobre o uso das plantas medicinais para cada problema de saúde?

Então eu adquiri esses conhecimentos né, como eu já disse lá é com meus pais, com meus avós, com meus tios, até próprio dentro da escola quando eu era criança. Além de eu aprender que dentro da escola sempre a gente recebia esses remédios... quando a gente sentia alguma coisa dor de barriga, dor de cabeça, é febre alta, aí os professores né passava para a gente então eu aprendi até mesmo com os professores né, além dos pais, tio, os avós e vem passando de geração para geração. Esse saber tradicional hoje o tratamento né sobre as ervas medicinais né das plantas medicinais é tem um tratamento muito diferente as pessoas deixaram muito de estar usando né, apenas eu vejo muitas pessoas já é embalando e vendendo, e acabando comprando para própria comunidade comprando né, nas próprias farmácia. Então eu vejo que tá tendo uma contradição onde as pessoas tá deixando de usar né, os remédios tradicionais da comunidade e comprando dentro das farmácias enquanto as pessoas de fora estão vindo e comprando das próprias pessoas, a aquelas ervas né aquelas plantas medicinais que ele sempre vem usando no passado. Então hoje está sendo além de objeto de pesquisa essas pessoas estão vendendo muitas plantas medicinais para as pessoas que vem de fora, para turista, para pessoas que tá com problema, que às vezes não conseguiu curar com o remédio da farmácia vem procurar essa, as pessoas da comunidade e as pessoas passam esses remédios para eles e chegam a sentir bem e voltar várias vezes, então mas hoje eu me sinto que as pessoas trocaram o remédio do mato pelo medicinal da farmácia então. (Entrevistado Romes dos Santos Rosa).

Esses conhecimentos veio dos meus pais, ao ver eles preparando cada planta, para cada doença, fui adquirindo e aprendendo como era usado e para que servia. No entanto esses conhecimentos têm uma grande relevância para as pessoas da comunidade e para os jovens que pretende aprender sobre o uso das plantas medicinais. (Entrevistada Niecia Pereira dos Santos).

Eu aprendi com meu pai, por causa que meu pai era parteiro, e ele era raizeiro, então quando ele ia pro mato colher essas plantas essas raízes do cerrado, essas cascas ele me chamava para ir com ele para mim aprender igual hoje eu incentivo meus filhos pra aprender comigo porque é uma coisa que é um passando para o outro igual meu pai passou pra mim e eu quero passar pros filhos também para ficar conhecendo as raízes como é que usa e como é que não usa. Aí tem os remédios que pode usar é igual primeiramente nesse estado aí, já é o mel do gervão que é o primeiro remédio pra a garrafa pra mulher já, é o gervão, é o algodãozinho, porque já tem um remédio que já faz as garrafadas indiferentes... que tem eu faço garrafada pra mulher engravidar mas às vezes você me pede uma garrafada eu tenho, se for para engravidar eu coloco o de engravidar se não for eu não coloco né, então é igual no estado da muié quando ganha criança tem os remédios que a gente pode colocar e tem uns que gente não coloca. Eu faço é o algodãozinho, é o canção, é a roseirinha, é o cordão de São Francisco que é inclusive ele que é uma vez a mulher tá com o sangue desconsertado para consertar o sangue é o caroço de algodão, que é para poder controlar tudo para poder engravidar. Tem uns que é as cascas, e outros mas é a raiz igual o cordão de São Francisco memo é a raiz, a roseirinha também é a raiz, tem também o unha de gato também que é um santo remédio também que tudo eu faço garrafada é a raiz também. É igual eu tô dizendo é muita coisa porque tem hora que a gente não dá conta de

falar tudo num momento que é muita raiz mas eu trabalho mas com as raízes do que com as cascas. Eu acho que ta no mermo jeito acho que nunca nem melhorou e nem nunca piorou né agora faz muito bem para as mulheres que toma essas garrafadas quê que nós não vai esperar sentir as coisas pra ir tomar o remédio, a gente tem que tomar para não acontecer, e se acontecer também mas já acontece bem mais menos. Ainda continua usando que eu memo aqui de vez enquanto o povo é me pedindo garrafada eu é fazendo né, antão ainda continua usando. É às vezes tem gente que me conta qual é o problema que tá sentindo pra poder fazer garrafada e outros deles já me pede sem falar nada mas menos assim eu sei fazer pra tudo, e tem gente que só quer falar que sabe fazer garrafada mas não é bem assim; porque nu qui você vai rançar uma raiz você já tem que fazer o nome do padre fechando o corpo da gente e o corpo daquela pessoa qui vai usar aquele remédio, e também a gente abriu o buraco cê tem que devolver aquela terra tudo de novo pra tampar o buraco porque ali se a gente tiver com um problema a gente vai sarar aquele problema que a gente ta com ele, como é que a gente vai deixar um buraco, aí o buraco vai crescer né, antão gente tem qui ter o jeito a experiência de trabalhar com tudo que a gente for fazer. E o mel de gervão eu sempre eu faz ele assim, eu ranço ele o pé com a raiz e tudo se tiver quantidade se não tiver a gente quebra só os gai e aí eu vou colocar uma panela ela pra ferver aí eu coloco as gaias com tudo aí vai frevendo, frevendo aí quando eu já vejo que ele já está bem frivido que já sortou os líquidos das foias, ca foia já conzinhou, que já saiu o líquido, aí eu vou cuo ele num pano pra não ficar cisco nenhum, aí eu cuo ele num pano e devolvo ele de novo pra panela, e aí ele vai frever, frever inté secar aí fica o mel mermo, é o mel aí isso é um pouquinho meio ruim pra beber mas aí sabendo que é coisa bom cá pessoa ta usando remédio bom pra saúde mulher ganhou menino pode tomar que é uma limpeza que dá na muié e pode usar do jeito que quiser pode usar aí assim, pode ser na pinga pode ser no vinho aí tá pronto o mel aí fica o tempo que quiser mas é muito bom. (Entrevistada Irene Francisco da Conceição).

Oh minha fia eu adquiri com um bocado praquê às vezes mãe falava né ensinava uma parte, pai ensinava oto, falava oto, eu tinha umas tias tia Teodora ela entendia tamém aí já ensinava ota coisa, tia Rifina me ensinava, depois tia Cândida me ensinava, contava e quessas teção de menino que a gente tinha né, aí um conta uma coisa,oto conta ota, um faz um remédio, oto faz oto, tio Moriço me ensinava remédio tomém assim, ele era bom remeideiro, se fosse resguardo quebrado um incômodo assim, tudo ele sabia, ele intindia, aí eu aprendi cum bocado de gente cada um...uma coisinha a véia Maria de Aifo me ensinou tomém assim igual era pa mode se for uma febre riscidra, beber velame branco esse cundisse o dizer já foi a veia Maria de Aifo que me ensinou até que é qual eu dei até pa Pretinha minha que ela me ensinou... primeiro désce um puiganto e depois eu désce ela a raiz do velame branco que é bom pa riscidro . Uá ante que a di mudança pelo tempo que eu conheci do jeito que era as coisas agora graças a Deus até que eu tô achando que o povo tá ante bem né, as doenças cundisse o dizer com fé em Deus esas agora esas tá pouca tem hora que tem prazo que precisa de gente ta panhando remédio um sinto uma coisa, oto não, e agora até que não o povo ta até sadio, bebe uns remédios sinto umas coisinha mas tô achando que graças a Deus igual vários tempos agora ta até bom, que cundisse eu passei umas vezadas assim eu mexendo com menino, assim apurado, noítecer e maincer sem drumi com menino, e fazendo remédio parece quanto mais fazia é que parece que até que ruina, agora graças a Deus ta todo mundo em paz. (Entrevistada Brígida Dias dos Santos)

Eu aprendi com meu pai, meu sempre, derna de eu criança ele me ensinava, ele ia fazer garrafada pa argúem, fazer um chá ele me ensinava pra quê que era bom, eu aprendi com ele, meu pai. (Entrevistada Natalina)

dos Santos Rosa).

O uso eu preendi dessas plantas, eu preendi com os antepassado, com os antepassados eu preendi o uso das plantas. (Entrevistado Faustino dos Santos Rosa).

Mamãe, mamãe me ensinava pouquinho, mas quando eu entendi por gente momõe não me ensinou mais, aí eu sabia uma raizinha de remédio e fui trazendo pela cabeça, fui puxando pela cabeça, eu vou no mato, eu já to conhecendo os remédios e mostro qualquer um os remédios mas assim a cabeça ta fraca pra saber tudo. O conhecimento é Deus que tá me dano que o povo cada vez a mais que eu arrumo as garrafadas parece que eles sabe, ante pra ter menino. Uah minha fia aqui o eu têm mas tracado é da saúde das muié, as muié é sempre mas disinsadia do que os homem tá com muito tempo que eu arrumo remédios aí devagarzinho. Têm é avançado minha fia, e muito, e muito, e muito, e muito. Mas graças a Deus tem arrumado é muito remédio, essa moça mesmo tinha uma dor de cabeça, aí eu arrumei uma garrafada de remédio pra ela, desapareceu a dor de cabeça. (Entrevistada Luzia Francisco da Conceição).

Aos pensamentos dos mais jovens as evoluções vêm sendo constantes em todos os eixos de vida. Todos os entrevistados revelam que os saberes sobre as plantas medicinais são fundamentados nas experiências com os seus ancestrais. Representam a memória viva do que lhes foi transmitido. O perfil dos próprios colaboradores demonstra que há gerações jovens ainda (faixa etária dos 35 anos) que já possuem significativo conhecimento das plantas e mantêm vivos os saberes herdados de seus familiares.

Os registros das memórias são tomados como fontes para a compreensão do passado. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, permitindo compreender um pouco mais sobre os saberes, costumes, acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou sociedade em geral. (SANTOS, 2015).

Por isso, os colaboradores da pesquisa demonstraram preocupação sobre o modo como as gerações mais jovens têm lidado com estes saberes e elementos da cultura Kalunga. Isso ocorre por que em suas percepções muitos jovens demonstram desinteresse pelos conhecimentos das plantas medicinais, e assim da cultura.

Vejamos como isso se revelou nas respostas a essa outra pergunta da entrevista: Esses saberes das plantas medicinais continuam presentes ou têm diminuído na comunidade?

Esses saberes das plantas medicinais ele continua né presente mas porém enfraquecido até por falta de apoio né que hoje além de não ter nenhum apoio governamental, ou que seja, um amparo para eles né, a cada dia tá evoluindo com suas receitas medicinais ainda tem medo né de ser

denunciado, de alguma pessoa passar mal e você ser denunciado porque existe lei hoje que às vezes impede das pessoas estar usando plantas medicinais da comunidade então ainda é presente mas porém enfraquecida.(Entrevistado Romes dos Santos Rosa).

Atualmente vem ocorrendo várias mudanças, a juventude não aprecia as plantas como melhor remédio para a saúde, não faz uso das raízes, cascas, folhas. Hoje percebo que os remédios farmacêuticos tem mais importância do que as plantas medicinais. Pelo que venho observando esses saberes das plantas medicinais para algumas famílias mais velhas do lugar as plantas ainda está bem presente, mais para a juventude esses saberes tem diminuído bastante, pois, eles buscam os remédios da farmácia ao invés de fazer o uso com as plantas que além de curar os problemas não faz mal a saúde. Algumas plantas estão mais presentes, outras já foram diminuindo seu valor na comunidade. (Entrevistada Niecia Pereira dos Santos).

Continua presente, até que pus mais novo não, tem dê que a gente tá falando e eles não tá prendendo, mas pra os mais vieiros ele tá do mesmo jeito na comunidade, depende da pessoa ter interesse, da pessoa prender, pa pessoa fazer, que uns cridita ni rem'dio de mato eu memo cridito eu agradeço a Deus que, eu vou ni doutor mas primeiramente a Deus o que eu agradeço muito o remédio de mato que o povo mim deu, não é nem eu fazer não o povo que me dava então eu agradeço á todo mundo que mim deu. (Entrevistada Brígida Dias dos Santos).

Ah tem grande mudança, hoje sobre os tratamentos que os mais idosos confia muito, nas garrafadas, nos chá e já tem jovens que não credita, não confia mais no chá, nas garrafadas que faz, e eles já tão um pouco mudado do que era, mas ainda cultiva muito as garrafadas, e muito os chá aqui, mais não é que nem era antigamente. Ahh ele tem diminuído na comunidade, tinha diminuído e hoje é vai mais parecendo de novo, é o jeito do tratamento agora é vai voltando através, o povo acreditar que essas plantas, tá curando mais de que tava acreditando há uns anos passado, agora o povo é vai acreditando que ela pode curar, que as pessoas pode curar com essas plantas que nois cultiva aqui.(Entrevistada Natalina dos Santos Rosa).

As mudanças é porque os novatos não tão acreditando nas plantas medicinais só quer usar remédio de farmácia mas os mais velhos acredita até hoje nas plantas medicinais. Nos mais velhos ainda presente, ainda presente, agora para os novatos que tem muitos que não acredita mais ne raiz, não quer rancar vai para farmácia mas os mais velho da credita ainda na presença das plantas medicinais. (Entrevistado Faustino dos Santos Rosa).

As mudanças decorrentes das transformações sociais, ou seja, os novos tempos vão imprimindo, naturalmente, outras formas de gerações mais jovens. Por isso é importante o compartilhamento dos saberes, ultrapassando a escala do individual para o coletivo. Por isso a Educação do Campo possui papel importante nesse processo de preservação e valorização dos saberes tradicionais, tendo em vista que se propõem a reflexão constante dos estudantes sobre os seus costumes, crenças, tradições etc.

As reflexões teóricas e metodológicas e as aprendizagens empíricas

realizadas [...] promoveram o surgimento de um novo enfoque, isto é, a etnoecologia, baseado na premissa de que os conhecimentos tradicionais na realidade fazem parte de uma sabedoria tradicional, que é o verdadeiro núcleo intelectual e prático por meio do qual essas sociedades se apropriam da natureza, mantêm-se e reproduzem-se ao longo da história (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009, p. 39 - 40).

Diante disso, cabe salientar que o conhecimento tradicional é um elemento fundamental da cultura dessas comunidades, todavia é preciso políticas públicas voltadas aos povos do campo a fim de garantir a permanência em seus territórios, contando com educação, saúde, moradia, saneamento básico e melhores condições de trabalho, principalmente para que as gerações mais jovens se apropriem e valorizam tudo o que foi e tem sido construído pelas gerações passadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa vem ressaltar a importância de entender as experiências utilizadas e vividas pelos moradores das comunidades tradicionais, carregadas de ensinamentos e saberes dos seus antepassados utilizados para a manutenção da vida, que ainda hoje passam despercebidas pela sociedade.

O uso das plantas medicinais sempre esteve presente na comunidade por meio de tratamentos de vários problemas de saúde. Em meio há tantos tempos de dificuldades na comunidade Kalunga, as plantas medicinais foram utilizadas em busca da saúde.

Hoje, de maneira moderada, o uso das plantas medicinais vem sendo utilizado e procurado cada dia mais nem só pelos membros da comunidade, bem como visitantes da comunidade ou pessoas que moram distante que fazem suas encomendas.

Foi também notado que a prática entre eles, juntamente com a cultura, a crença, e os saberes, se encontram muito vivo e presente na Comunidade Kalunga Vão das Almas, com base nas antigas gerações, eles acreditam e tem fé com a cura em relação ao uso das plantas medicinais, eles ainda afirmam e apontam que os jovens estão basicamente desinteressados aos saberes tradicionais, aos fazeres e a cultura.

Com base nas etnociências, percebemos que o nosso conhecimento tradicional é valioso quando nos deparamos com culturas diferentes. Ao vivenciar os relatos na comunidade vejo o quanto é importante esse montante de saberes relacionados à cultura local mencionados aos conhecimentos diversificados.

Na comunidade quilombola tem se encontrado um processo de transformação havendo um confronto entre os modos de pensar e agir dos tradicionais e as novas gerações baseando-se nos costumes trazidos com o contato intensificado nas últimas décadas com a sociedade urbana com base nas questões ligadas à saúde e a doença. Vale ressaltar que a cultura kalunga no uso das plantas medicinais demanda

seus respectivos valores e significados relevantes que vão além do simples ato de experiência, pois traz em si o respeito pelas plantas como espaço de vida, além de garantir a segurança e soberania no uso dos remédios, sendo estes princípios que orientam a luta camponesa.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de (Org). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004. 189p.
- ALMEIDA, C. de F. C. B. R. de; ALBUQUERQUE, U. P. de. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, v. 27, n. 6, p. 276-285, jun. 2002.
- AMOROZO, M. C. M. A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade. In: **Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo**, XIV, Rio Claro: UNESP, 2002. 2p.
- AMOROZO, Maria Christina de Mello. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In : DI STASI , Luís Claudio (org) . **Plantas Medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo interdisciplinar. - São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- ARAÚJO, Gilberto Paulino de. **O conhecimento etnobotânico dos Kalunga** : uma relação entre língua e meio ambiente / Gilberto Paulino de Araújo. - - 2014. 218 f . ; 30 cm. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.
- BAIOCCHI, M. N. **Kalunga**: Povo da Terra. Brasília: ministério da justiça, 1999.
- PAULINO, Maria Ângela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. (BECKER,1994).
- COSTA, N. M. P. **Estudo etnoterminológico preliminar do sistema de cura e cuidados do povo mundurukú**. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Português - Universidade de Brasília, 2013.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ªed. São Paulo:Editora Atlas S.A.,2010.
- MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S. da; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sitiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botânica Basílica**, v. 18, n. 2, p. 391-399, jun. 2004.
- MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 326-333.
- SANTOS, Niecia Pereira dos. **Memórias de Parteiras Kalungas na Escola do Campo do Vão de Almas**,Cavalcante-GO, Planaltina-DF.2015.
- SARAIVA, Regina Coelly. Dossiê: **“História, Natureza, Cultura e oralidade”**; Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres na Chapada dos Veadeiros -Goiás.História oral, v.1, n. 15, p. 209-229, Jan.- Jun. 2012.

APÊNDICES

APÊNDICES A - Roteiro da entrevista

Local da entrevista: Comunidade Kalunga Vão de Almas (localidade Vargem Grande) Data: Horário:

Tema: O conhecimento e uso das plantas: comunidade Kalunga Vão das Almas (Fazenda Vargem Grande)

1. Qual é o nome do senhor (a)?
2. Quantos anos o senhor (a) tem?
3. Qual é a sua experiência com as plantas medicinais?
4. O senhor (a) já vivenciou ou praticou o manejo das plantas medicinais?
5. O senhor (a) ainda tem contato com a prática dessa cultura de saberes?
6. Quais os tipos de remédios e as plantas medicinais mais usadas?
7. Qual é a finalidade de cada uma dessas plantas?
8. Com quem o senhor (a) adquiriu esse conhecimento sobre o uso das plantas medicinais para cada problema de saúde?
9. Quais as mudanças em relação ao tratamento das doenças em nossa comunidade atualmente?
10. Esses saberes das plantas medicinais continuam presente ou tem diminuído na comunidade?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Solicito do/a senhor/a, _____, a colaboração com a presente pesquisa intitulada O uso das plantas medicinais pelos moradores da comunidade Kalunga vão das Almas: uma abordagem ecolinguística e da Educação do Campo, de responsabilidade de IRANILDES MOREIRA DIAS, aluno/a de graduação do curso Licenciatura em Educação do Campo - Habilitação: Artes Visuais e Música, da Universidade Federal do Tocantins/Campus Arraias, sob a orientação do Professor GILBERTO PAULINO DE ARAÚJO. O objetivo desta pesquisa é descrever os processos de manejo e uso das plantas medicinais pelos membros da Comunidade Kalunga Vão das Almas (Vargem Grande). Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com este estudo.

O/A senhor/a receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização do trabalho. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, resultantes das entrevistas, ficarão sob guarda da Universidade Federal do Tocantins/Campus Arraias.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas (semiestruturadas) e observação participante. É para estes procedimentos que o/s senhor/a está sendo convidado a participar/colaborar. Sua participação/colaboração na pesquisa não implica nenhum risco.

Nós garantimos que os resultados do estudo estarão a sua disposição quando finalizada a pesquisa.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. O/A senhor/a é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se o/a senhor/a tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, poderá contatar a instituição a qual pertença como aluno/a de graduação - telefone 63 3653-3447.

As informações com relação à assinatura deste documento (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) podem ser obtidos através do e-mail do orientador gilbertopaulino@uft.edu.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com os pesquisadores responsáveis pela pesquisa (orientador/a e orientando/a) e a outra com o/a senhor/a.

Assinatura do/a colaborador/a Assinatura do orientador/a Assinatura do orientando
Arraias - TO, _____ de _____ de 2023.